ANO 4.º—N.º 209. Guimarãis, 2 de Fevereiro - 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COM. DE CENSURA

Em reünião magna das Comissões Auxiliar e Executiva «Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra, realizada na passada terça-feira, foi deliberado que tivesse imediato início os trabalhos de propaganda e angariação de fundos, para que, em poucos mêses, a construção do Monumento seja uma realidade e Guimarãis possa saldar a sua dívida de honra para com todos aqueles que bem mereceram da Pátria.

Viva Guimarãis!

Ávante pelo Monumento!

Editorial

A nossa acção jornalística

Constituíu um triunfo o inquérito dirigido não só aos nossos estimados colaboradores, mas também às agremiações citadinas que são as lídimas representantes dêste laborioso e bom Povo de Guimarãis.

Triunfo notàvelmente assinalado, perdurará na nossa memória como merecido prémio dos trabalhos e canseiras sofridos em quatro anos de labôr contínuo, sem desfalecimentos ou tergiversações. Prémio nobilitador e deveras magnífico(!) — pela vida fora, será o mais apreciado e singular dos diplomas que possam conferir-nos — diploma que oferecemos como título honroso à terra que nos serviu de bêrço, e de início embalara os primeiros sonhos da nossa Pátria muito amada.

Embora a nossa acção sôfra os deslises que, à mocidade sempre foram desculpados, o nosso sentido regionalista assenta no anseio constante e progressivo de ver dignificada a nossa Terra, na luta tenaz pelo bem estar da comunidade, e no veemente desejo de querer ennobrecido o nosso Portugal — colocado em igual analogia das nações ditas civilizadas —, dedicando-lhes todos os minutos disponíveis e queimando em seu holocausto a nossa juventude sem delinquências, assim dejungindo-nos dos maus juízos com que desejem arrancorar-se.

Um lema tomámos por divisa ao lançarmo-nos nesta via — larga do jornalismo provinciano, tão cheio de escolhos e de obstáculos: — *Por Guimarãis!*

Ainda o mesmo lema servirá para orientação futura, surdam os imprevistos e os ataques intempestivos, iluminando-nos como estrêla de bom norte e fulgindo como única luz capaz de romper as trevas que se adensem sôbre êste rincão florido e o mais belo canteiro dêste jardim de beira-mar, lema que nos tornará escravos da nossa própria condição de vimaranenses — sempre dispostos a seguir o primeiro *Spartacus* que se levante aos gritos de:

Por Guimarãis! Por Guimarãis!

Pró-Monumento

Redenção

Tôdas as Nações cultas que a Grande Guerra atingiu, têm resgatado a sua dívida de gratidão para com os seus filhos — mortos ou vivos — que, em rasgos de heroismo, defenderam a bandeira da Pátria, dentro do seu território ou fora dele.

Portugal tem já, pelo país fóra, alguns monumentos em cidades e vilas e, até, em localidades de população inferior àquelas.

Guimarãis, só agora, se vai libertar dessa dívida sagrada de gratidão para com os Heróis da Grande Guerra, seus filhos, a-pesar-de decorridos longos anos. Não devemos, na altura em que ela se prepara, confiadamente, para a redenção, recriminá-la pela demora havida mas, antes, encorajá-la e bem dizê-la pela sua nobre e altruísta atitude. Depois da tempestade, bonança. Depois dessa luta titânica, presistente e tenaz, cheia de fé ardente, que o coração de um combatente alimentou e sustentou, com galhardia e denôdo, impõe-se uma quadra de bonança, para que o altruísmo dos vimaranenses se evidencie e produza os seus benéficos resultados em favor da ideia lançada: a construção do monumento em curso, porque é de esperar, do brio dos vimaranenses, que todos acorram, dentro das suas possibilidades morais e financeiras a acudir devotadamente ao apêlo do *Notícias de Guimarãis* que, de acôrdo com a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, tomou o encargo de redimir a terra donde — em boa hora — irradiou a nacionalidade portuguesa.

Soldados do bravo 20! Heróis da Brigada do Minho! Que os vossos patrícios saibam compenetrar-se do dever que, moralmente, lhes é imposto pelos laços sagrados da solidariedade humana. Que Guimarãis, inteira, não demore a hora da redenção aos Heróis da Grande Guerra, coroando, assim, a aspiração máxima dêsse meu camarada e amigo de verdes anos que, por ti, merecidamente, tem trabalhado, com tanto amor e carinho, como se fôras sua mãi. Não demores, Guimarãis, demasiado, o dia em que te has-de redimir.

São êstes os votos, cheios de fundada esperança, que te faz um combatente de Africa e de França.

Junta, bem depressa, ás tuas belezas materiais, que são muitas, e à tua riqueza sacra, dispersa pelos templos, que é inconfundível, essa beleza rica e omnipotente de civismo, o Monumento, em que, cada pedra, representa uma vida em holocausto da Pátria e, o conjunto, ficará sendo para os vimaranenses, como para os visitantes, um Altar da Pátria, ao ar livre, onde todos sem distinção, poderão murmurar uma sentida prece ou recitar um verso do Cantor das nossas glórias ou de poetas de sua predilecção. E o teu nome — GUIMARÃIS — que é o espelho cristalino da nossa História, rebrilhará, com mais fulgor ainda, pela Eternidade fóra.

Lisboa, Janeiro de 1936.

António Maria Gonzaga Pinto J.or

(Coronel)

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

No aniversário do Dr. Eduardo de Almeida

Quando, em Julho do ano transacto, o "*Notícias de Guimarãis*" promoveu uma justíssima consagração a Eduardo de Almeida, aproveitando para isso a oportunidade da passagem do 30.º aniversário da sua formatura, eu, que, então, rabiscava, com irregularidade que arripiava o ânimo do director da gazeta, umas croniquetas tão desvaliosas que nunca conseguiram atrair a fidelidade de meia dúzia de leitores, não pude, por circunstâncias alheias à minha vontade e exclusivamente imputáveis aos azares da vida, sempre a correr ao contrário dos meus anseios, emparceirar com os que nestas colunas prestaram homenagens ao meu querido Amigo, Mestre e Colega na profissão, dando, assim, talvez, a algumas pessoas de reduzida boa fé, a impressão de que ficara alheio a um acontecimento que, por todos os títulos, nunca podia deixar de merecer-me superior interêsse.

Da involuntária falta me redimo agora, acorrendo — agradecido pela honra conferida — aos desejos do Antonino, que me escolheu entre tantos capazes de o fazerem melhor, para redigir o artigo que acompanhasse a magnífica gravura que reproduz o admirável desenho do ilustre professor dr. Moura Machado.

Profundamente lamento não ter recaído noutrem a escolha, pois nunca poderia ir além da cerzidura de descoloridas palavras que de modo algum traduzem o que sinto e penso àcêrca de uma pessoa a quem me ligam, dêsde que me conheço, laços inquebráveis de ilimitado afecto, e a quem, de menino e moço, me habituei a respeitar e admirar, por íntima e profunda imposição da minha sensibilidade e da minha inteligência.

* * *

A figura do dr. Eduardo de Almeida, encarada sob os aspectos que mais podem interessar ao público, é impossível focar-se num ligeiro artigo de jornal de província. Nem eu, em qualquer circunstância, o saberia fazer, muito embora o conheça bem melhor do que a maior parte dos meus conterrâneos, que tem inaproveitado tempo na confrangedora adulação de nulidades insupríveis, elevadas, pelo favor do entendimento dos néscios e das reservas próprias de convenções inadmissíveis, até alturas astronómicas.

Essa tarefa é para alguém que se lhe possa assemelhar nos dotes de inteligência, de cultura, de coração.

Apesar disso, não me furto ao dever de, em notas breves, dizer algo sôbre a sua inconfundível personalidade.

* * *

Se Eduardo de Almeida, que é grande entre os melhores escritores portugueses, abaixasse a sua peculiar maneira de prosar até ao nível da comum compreensão, em vez de ser, como infelizmente é, escritor de poucos conhecido, seria, sem dúvida, de entre os contemporâneos, um dos mais lidos e admirados cultores das letras. Mas, até no senão de ser a sua obra pouco acessível à maioria do público ledor — e tão reduzido êle é, por desgraça nossa — até nêsse defeito está, sem paradoxo, a revelação de uma altíssima qualidade: — a de não macular as privilegiadas manifestações do seu espírito com o objectivo interesseiro, e, àliás, legítimo, de proventos materiais. Eduardo de Almeida é o tipo perfeito do perfeito esteta, e, assim, mantem-se integralmente artista, não descendo a ser, como tantos outros, meramente comerciante.

Logo em "*A Família e a Evolução Social*", obra da juventude, que constitue um ensaio quási completo, para a época, revelador de extraordinárias qualidades de ilustração e cultura, e que bem poderia ter sido a tese brilhante de um douturamento que não quis fazer, se revelou, após um curso académico invulgar, como literato capaz dos maiores vôos e estudioso probo e digno. Ainda não encontrara a sua maneira, que bem depressa despontou, até atingir, como há muito atingiu, a perfeição.

Desde "*Na Lama*" até à "*Vida de Sombras*" o caminho percorrido é uma ascenção contínua para o melhor. Nos estudos históricos "*As Beatas do Chapéu*" e "*Romagem dos Séculos*", êste citado, como fonte autorizada, por Fortunato de Almeida, impõe-se como extraordinário temperamento de pesquizador e comentador dos costumes e da admi-

(continua na 2.ª página)

Dr. Eduardo de Almeida (lápis do Dr. José Maria Moura Machado)

Pró-Monumento

A posse da Direcção Executiva — Uma proposta — O entusiasmo das Comissões

A instâncias do ex.mo Presidente da Direcção Executiva, sr. João Teixeira de Aguiar, reüniu, na passada terça-feira, na Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, aquela Direcção, Comissões de Propaganda e Auxiliar, e Comissão Administrativa da referida Sub-Agência, que, após ter conferido posse por auto lavrado em livro de actas, assinado por todos os presentes, da bôca do sr. Presidente ouviram das razões que determinaram aquela convocação.

Usaram da palavra os snrs. Silvino Alves de Sousa, Presidente da Associação Comercial e Industrial; Luís Filipe Coelho, 2.º Secretário da Direcção Executiva; António Larangeiro dos Reis, representante das Juntas de Freguesia; Capitão Malaquias de Sousa Guedes, Presidente da Sub-Agência da Liga; Luís Alijó de Lima, representante do Sindicato dos Empregados no Comércio; Aprígio Neves de Castro, Secretário da Liga; Joaquim Larangeiro dos Reis, Tesoureiro da Direcção Executiva; Dr. António Rocha, da Comissão de Propaganda; João A. da Silva Guimarãis, Tesoureiro da Liga e o nosso Director.

O nosso prezado camarada, sr. Luís Filipe Coelho, baseando-se nas deliberações tomadas já pela Liga em reünião de 21 de Março de 1935, apresentou uma proposta de alcance prático e prometedores efeitos, que foi aprovada por unanimidade, ficando dêste modo autorizada a Direcção Executiva a fazer uma emissão de sêlos de *1 Escudo* para custear a construção do monumento, que serão profusamente espalhados não só pela população da Cidade e Concelho, mas também pelas colónias vimaranenses do Pôrto, Lisboa e Brasil.

O entusiasmo cresceu com a aprovação desta proposta, sendo marcadas reüniões ordinárias para tôdas as terças-feiras, devendo, na que se efectivar depois de àmanhã, estudar-se os meios de propaganda a empregar nesta cruzada de patriotismo e de bem honrar o nome de Guimarãis.

O «Notícias de Guimarãis» saúda os bons vimaranenses que tomaram o encargo de glorificar os Heróis da Grande Guerra, sem tibiezas ou vacilações, afirmando-lhes desde já o seu incondicional apoio, moral e materialmente.

Ao ex.mo Presidente, sr. João Teixeira de Aguiar, os protestos da mais franca solidariedade e os votos de um retumbante triunfo.

Ávante pelo Monumento!

Á margem dum inquérito

A comemoração Gilvicentina

O "Bêrço da Grei", secundando a iniciativa de se comemorar condignamente, nesta cidade, a passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente, teve a feliz idéa de lançar as bases dum inquérito, dirigido a alguns dos nomes mais em evidência nas nossas letras.

Deram já a sua resposta duas pessoas muito distintas, ambas vimaranenses, inteligências cultas, pelas quais tenho a maior admiração e estima: — o dr. Alfredo Pimenta, director do Arquivo Municipal, e o Capitão Mário Cardoso, Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento.

Se o inquérito me interessa pela opinião que os escritores portugueses venham a formular sôbre essa grande figura de português que foi o Mestre dos *Aitos*, mais me interessa ainda pelos depoimentos dos vimaranenses cultos.

Diz o dr. Alfredo Pimenta não haver a certeza de Gil Vicente ter nascido em Guimarãis. Mas conclue que, não havendo quem apresente "melhores fundamentos do que nós, não repugna que sejamos nós a pretender prestar homenagem a *Gil Vicente* — chamando lhe vimaranense". Estamos, portanto, de acôrdo, pois sempre conduzi a campanha pró-monumento a Gil Vicente, sob a mesma orientação, como se pode ver e concluír dos artigos já publicados. Há, apênas, uma diferença. O dr. Alfredo Pimenta entende que "Guimarãis deve dar um carácter local à homenagem, pois considera *Gil Vicente*, seu filho, mas salienta: "é justo que o Govêrno inclua entre as homenágens a prestar, essa a *Gil Vicente*, e em Guimarãis".

Ora se não há ninguém que apresente "melhores fundamentos do que nós" para lhe chamarmos vimaranense, parece-me que se deve interessar o Govêrno na consagração nacional a prestar a Gil Vicente, em Guimarãis. Só assim se poderá conseguir que o monumento a levantar-se não seja "um marco fontenário", só assim se poderá conseguir, com a contribuição do Estado e do Município, "dinheiro em abundância, para não nos revelarmos pelintras e sovinas".

O sr. Capitão Mário Cardoso é de opinião que a "homenagem mais expressiva" seria a construção sem demora "da nossa desejada casa de espectáculos". Se tivessemos de optar pela casa de espectáculos ou pelo monumento, com encargos para a Câmara, eu também concluíria pela casa de espectáculos, como já tive ocasião de afirmar. Mas êste assunto está pendente, apênas, — segundo informações que tenho — dum despacho do Senhor Ministro das Obras Públicas. Desde que êste se consiga, lá está Teixeira de Aguiar para dotar a nossa terra com êsse melhoramento que é, ao mesmo tempo, uma grande afirmação de bairrismo que Teixeira de Aguiar nos dá e, sobretudo, aos *endinheirados* da nossa terra.

Ora para que a comemoração nacional se realize, para que, "de facto, Guimarãis, pelas justas pretensões a terra natal de Gil Vicente" ocupe "um lugar marcante nesta consagração ao grande comediógrafo" não me parece bastante integrar no conjunto arquitectónico da fachada do teatro a construír" a estátua do nosso glorioso Conterrâneo, se por vimaranense o devemo ter".

Mas vão sendo horas de tomar resoluções. Isto mesmo se conclue da resposta dada ao mesmo inquérito pelo chefe dos Serviços Internos do Secretariado da Propaganda Nacional que também se inclina para que a comemoração revista um caracter nacional e pede elementos para poder ajuízar devidamente a sua efectivação.

Diz o sr. Capitão Mário Cardoso "que em 1902 comemorou também o 4.º centenário da fundação do Teatro português (isto é, a data da representação da primeira obra dramática de

De Guimarãis e dos Homens

RESTAUROS

Como é hábito nosso ler *todos* os jornais que nos venham ás mãos, inclusivé o colega local «O Berço da Grei», demos nota dum artigo firmado por António Liso, pseudónimo de qualquer senhor que tem a felicidade de pertencer à que êle chama cidade culta.

E' que, minhas senhoras e meus senhores, em Guimarãis há duas castas: a dos cultos e a dos párias (não confundir com parasitas), isto é, a dos incultos.

Os que pertencem à primeira, são patriotas, sábios, arqueólogos, etnógrafos, paleógrafos, cenógrafos, comediógrafos, etc., etc., etc.

Manipolizaram o patriotismo e o saber.

Mas, se a grande número dêles fôr preguntado porque razão não serviram a Pátria como soldados, gaguejarão e pretextarão fictícias doenças, talvez alguma lesão cardíaca.

Se lhes fôr preguntando porque não põem uma maior isenção no seu patriotismo, gaguejarão ainda e começarão a apelidar o importuno de mau patriota, berrando alto para que a polícia ouça.

Se lhes fôr preguntado onde as certidões das habilitações que os encartem como *Técnico*, olharão iracundos (mas não de temer) o impertinente e acusá-lo-hão de anti-nacionalista.

— Devemos dizer que, se aqui é invocada a *técnica*, é porque os cultos a invocam quando serve os seus fins.

Iríamos a apostar que alguns dêsses sábios, arqueólogos, etnógrafos, paleógrafos, cenógrafos, comediógrafos, etc., etc., etc. — alguns até são tudo isto ao mesmo tempo — não apresentariam a certidão de 2.º grau se pedida lhes fôsse!

A sua cultura é feita de «habilidades» e nada mais.

Tais quais dentistas de feira, tecendo considerações à volta de famosos elixires, ei-los urdindo considerações idênticas à volta duma pedra ou dum traste velho.

E a certeza com que dissertam!

Se afirmam que «a maquineta» é móvel raro e alguem lhes mostra o êrro palmar, dizem que só tinham visto aquela.

Para elucidação da competência dos sábios, é suficiente a amostra.

Está claro que a carapuça vai a quem serve.

Ora diz o Snr. António Liso — que modéstia a dêste nome, Liso! — que somos materialistas, que não compreendemos «o de espiritual que existe num restauro dum monumento que atesta a glória dum povo».

Compreendemos, sim, meu Senhor.

O que não percebemos muito bem, é que se queira confundir restauros com arranjos. Se pudéssemos explicar... mas devemos confessar que para isso não chega a nossa competência.

Depois, o Senhor Liso — estamos a embicar com êste Liso, ¿ que significará? —, à volta dos restauros, fala em música e Música — isto é que é saber e saber ser espiritual —, fala no orador, fala na família, transcreve uma opinião de Fialho — êste Senhor Liso até conhece o Fialho — e falando ainda em coisas que não podemos aqui apreciar dentro do limitado âmbito re...gionalista dêste semanário, sai-se com esta estirada de arromba:

«E' por isso que, ao veres a restauração do nosso castelo altaneiro que traduz o renascimento da vida portuguesa, o respeito pelas virtudes da Raça de que o liberalismo faz tábua rasa, te insurges, insultando a cidade culta, com o teu «irónico» *cidade-museu!*

O' Senhor da cidade culta, ¿ porque não fala do *restauro* do Castelo dos Almadas e de outros *restauros* mais?

E' demasiada a nossa ousadia estar a lembrar estas coisas.

Desculpe-nos, senhor.

E oferecemos-lhe êste naco de boa prosa:

«Ruínas são ruinas. Todo o restauro é um crime de lesa-arte, ou de lesa-ciência, quando ultrapassa os limites da limpesa, do pôr a nú o que era, o que estava.

Aquilo que fizeram ali, no Castelo de Guimarãis, de pôrem pèdrinhas novas em fôlha, em lugar das que a acção do tempo deitou abaixo, ceusurei-o sempre acremente»...

«Notícias de Guimarãis» — N.º 137 — 1934.

Conhece o autor, conhece?

E' o escritor Alfredo Pimenta.

¿ Será êste ilustre — sem favor — escritor, *libaral?* será anti-nacionalista? estará Alfredo Pimenta entravando o ritmo da marcha do Estado Novo?

Gil Vicente), publicando nêsse ano um número especial da sua Revista dedicado à obra vicentina, já ofereceu, há dias, todo o seu dedicado concurso à ex.ma Câmara Municipal„.

Já em 1902 se fez, na nossa terra, uma comemoração Gilvicentina, talvez a única no país. Façamos, agora, aínda na nossa terra, a consagração nacional a Gil Vicente, como Coimbra a promove à Raínha Santa.

Tem agora a palavra a ex.ma Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

25 de Janeiro de 1936.

Manuel Alves de Oliveira.

Dr. José Moura Machado

Professor do Liceu, espírito desempoeirado e culto, o seu valor artístico firma-se brilhantemente na pléiade de vimaranenses que vêm honrando o nosso modesto semanário, enriquecendo-o com um trabalho que é uma perfeição de técnica e o produto de uma superior escola, já pela sobriedade do traço, já pelo cunho acentuadamente modernista que se derrama.

Dr. José Maria de Moura Machado tem temperamento de Artista, desenha com maestria e conhece todos os escaninhos da representação dos objectos, figuras ou paisagens por meio de linhas e sombras, pelo que lhe devemos e temos por obrigação prestar-lhe esta justíssima homenagem, exalçando um artista de prometedor futuro, de recursos vastíssimos e perfulgente concepção.

Não ignoramos que a sua modéstia vai sentir-se ferida com esta pintadela erradia de prosa... mas cometeríamos grande falta se deixássemos de dar largas à nossa sensibilidade, não assinalando o bom gôsto do seu trabalho, por tudo digno do Homenageado que ora tem de novo consagração.

Máximas Populares

XXXVI

Para quem teve e não tem
Certo é: *depois de rapar*
(Gasto o último vintém)
Não há o que tosquiar.

XXXVII

Inda que seja uma aresta
Colhe sempre o valor dela;
E' do vulgo: *quem empresta*
Suas barbas arrepela.

XXXVIII

A ninguém o amor assusta
Contra ofensa que desabe;
Aquilo que mais nos custa,
(Di-lo o rifão) *melhor sabe.*

XXXIX

Tenha cuidado e atenção
Quem com doido há de entender;
Para impôr sua razão
Muito siso há mistér.

XL

Sempre ao homem apetece
As sôpas e os amores;
Quando um deles aborrece
Os primeiros são melhores.

XLI

Esta regra é conhecida:
Lenha verde mal se acende...
Mas se alguém dela duvida:
Quem bem dorme pouco aprende.

XLII

Se feliz se pode ser
Quanto maior é a ventura,
Hemos nela de descrer:
Tanto menos é segura.

L. Coelho.

De tudo... um pouco

Uma pregunta ingénua: — ¿ Quem representa, na Junta Geral do Distrito, o Concelho de Guimarãis?

A pregunta, como vêem, é a mais natural dêste mundo, como tão natural e simples achamos a resposta — que não temos lá ninguém.

A Avenida Miguel Bombarda está num cáos!... Aquilo só visto, senhores!... Só visto por quem tenha olhos de ver melhor estas coisas sem ter que andar a proclamar aos quatro ventos o que só lhes convém passando adiante... e ao «envés da verdade dos factos» e de mais esta — que precisa do homem da picareta municipal.

Panorâmico!

A Natureza tem, por vezes, caprichos singulares.

Quando tôda a gente andava apostada em dizer que no *Castelo dos Almadas* só o chão é que tinha foros de antiguidade, zás, vêmo-lo tornado antigo, graças à cotínua humidade que resume das suas paredes. Pêna é a côr ser tão verde — o que lhe dá um ar futurista mui pouco recomendável e assás moliceiro.

— Venha a brocha e um panelo de ocra!

A nossa vida...

Ponho-me a olhar o vácuo horas sem fim,
Parado o meu olhar não sei em quê...
Em que cismo, meu Deus? Que sinto em mim?
Que vê o meu olhar se nada vê?...

Há uma tristeza vaga, indefinida
Em todo êste meu eu transfigurado!
Já não é esta vida a outra vida
Que eu julguei que vivi, quão apressado!!...

E' uma vida que pára pouco e pouco
E ordena ao coração: — Assim, mais lento!...
E o coração, coitado! o pobre louco,
Bate mais devagar, mais pachorrento!...

Que vida a outra vida!... Recordá-la
E' ir buscar a gente à sepultura
Uma caveira branca que nos fala
Duma vida passada de ventura!

Tudo se foi, sumiu na escuridade
Do tempo que rolou em turbilhão...
Morreu-nos para sempre a mocidade,
Sentimo-nos curvar mais para o chão!...

JANEIRO de 1936

DELFIM DE GUIMARÃIS

No aniversário do Dr. Eduardo de Almeida

(Continuação da 1.ª página)

nistração local nos tempos passados. Novelista e contista, deixou marcada, em "*Almas do Purgatório*„ e "*Vida de Sombras*„ a garra poderosissima do seu excepcional talento de escritor de múltiplos recursos, sempre de aticismo surpreendente, atingindo, em vários passos, um explendor literário que ninguém poderá ultrapassar.

A dramaturgia nacional conta lo-ia entre os seus maiores cultores se êle não se houvesse limitado a publicar "*O Marido*„, pequena maravilha que os vimaranenses tiveram o prazer de vêr representada, numa récita ainda não esquecida, por amadores que se comportaram como verdadeiros artistas.

Recordo-me de ter lido, há anos, a "*A Pátria*„, jornal dos mais bem feitos que se têm publicado em Portugal, uma apreciação de Aquilino Ribeiro, chefe de fila, como agora é mau costume dizer-se, dos prosadores portugueses, na qual afirmava que Eduardo de Almeida era escritor dotado de excepcionais qualidades para marcar lugar destacante na literatura regionalista, que já lhe deve, entre outras saidas da sua pena, "*A Rústica*„, pequena obra prima, digna de antologia. Embora, desde então, não fôsse o vaticínio cumprido, espero, confiado, que, sob êste aspecto, êle nos deixará obra definitiva.

No jornalismo, género literário que é mais dificil do que vulgarmente se julga, exercido como o deve ser, Eduardo de Almeida, quer na imprensa da nossa Terra, dos longos tempos de "*O Republicano*„ até ao presente, quer em periódicos de grande circulação, tem demonstrado, por variadíssimas vezes, valer tanto, ou mais, do que os que mais valem. Que saüdades d' "*O Povo de Guimarãis*„, que êle dirigiu, de parceria com o Dr. David d'Oliveira, forte arcaboiço fisico e intelectual, e do Capitão Fraga, meticuloso, dedicado, persistente, — e que, na história da imprensa republicana, deixou páginas meritórias, pela elevação e desassombro com que foram escritas, em tempos pouco afortunados!...

* * *

A vida politica de Eduardo de Almeida foi, e tem sido, em tôdas as emergências, exemplo perfeito de coerência e dignidade, pois sempre se tem mantido fiel, tanto nas horas da ventura, como nas do desfavor, fiel aos princípios que abraçou na juventude, quando era bravura fazê-lo.

Politicamente, podia ter sido tudo neste país. Podia sê-lo no tempo do regime extinto em 1910; bastava que se servisse da enorme influência de seu pai — cidadão vimaranense dos mais estimados de todos os tempos — e da estima que por êle tinha, e manteve atravez de tudo, João Franco. Não o quis. A tôdas as conveniências de ordem material sobrepôs o respeito pela ideologia que a sua esclarecida inteligência livremente aceitara.

Podia sê-lo no tempo da vigência da República. Logo nas Constituintes — para onde fôra eleito, pelo círculo de Guimarãis, por uma votação numèricamente jàmais atingida — o seu talento brilhou a grande altura, impondo-se a todos, a ponto de os seus discursos, numa Assembleia onde fulguraram os génios oratórios de António José de Almeida e Alexandre Braga, serem escutados com a mais significativa atenção. Foi chefe de gabinete de um ministro ilustre, o Dr. Manuel Monteiro, seu velho amigo dos bancos da escola; pertenceu à Junta do Crédito Público. De tudo se retirou, porventura com o amargor de quem crê mal servidos os princípios que estima, deixando que outros, de muito menor valia, se alcandorassem aos mais altos postos da governação pública.

A vida política de Eduardo de Almeida é, repito, exemplo perfeito de coerência e dignidade, e bem demonstra a limpidez do seu carácter de eleição, a honradíssima isenção que tem sido timbre de tôda a sua vida.

* * *

Numa terra que tem possuído, e possue, advogados distintíssimos, como os não há melhores em parte alguma, Eduardo de Almeida ocupa lugar destacadíssimo, e honra sobremodo as tradições do fôro vimaranense. Tem todos os predicados que exige o exercício da advocacia, profissão dificílima e nobilíssima.

No número dêste jornal a que atrás me refiro, outro grande advogado, o dr. António do Amaral, o Mestre António do Amaral, como eu, e creio que todos nós, lhe chamamos, disse, com aquele raro poder de síntese que nele tanto admiro, o que é e vale Eduardo de Almeida como profissional do fôro, recordando, a propósito, a sua primeira defêsa, oficiosa, no julgomento da *Tiça*, caso complicado de infaticí lio, em que se houve por fo-ma tal que ainda hoje todos os dêsse tempo se recordam da modelar oração por êle proferida.

Disse que tem todos os predicados que exige o exercicio da dificílima profissão de advogado, e disse-o sem exagero. Além de dotes naturais de inteligência e caracter, o advogado precisa essencialmente, de saber falar e de saber escrever, — coisas só aparentemente simples. Ora, os escritos jurídicos de Eduardo de Almeida, até mesmo os de somenos, possuem *sòmente* estas virtudes: concisão, clareza, poder de convicção, elevado cunho literário; os seus discursos — ¿ quem não tem ouvido os discursos do Dr. Eduardo? — afirmam o completo temperamento de orador que êle é no mais elevado grau.

* * *

O que eu não escreveria sôbre Eduardo de Almeida, se o tempo e o espaço mo consentissem! O tempo, o espaço e competência, que inteiramente me falha. Nas circunstâncias em que vou redigindo êste pobríssimo artiguelho, com o jornal quási fechado e o tipógrafo exigindo, tirânicamente, o original, confesso que não poderia fazer melhor do que fiz.

Antes, porém, de acabar, deixem-me dizer-lhes que o que mais admiro e respeito em Eduardo de Almeida é, sobretudo, acima de tudo, o homem de coração.

Não fôra a extrema sensibilidade do seu espírito superior a fôrça que mais o tem guiado atravez da vida — e Eduardo de Almeida estaria hoje a começar o fim de uma vida plena de glórias. Assim, aqui vive como um qualquer de nós, confundido entre os que nada valem, pobre de bens materiais, milionário de inteligência, ante a bestial indiferença e a estupidíssima incompreensão de quási todos.

* * *

Meu querido Dr. Eduardo:

Perdoe-me a *partida* que acabo de lhe pregar. De tantos desgostos que lhe tenho dado, êste não é, sem dúvida, dos mais pequenos...

Escrevi o que aqui fica num dia grato à memória reconhecida de todos os republicanos, — e parece-me, ao anotar esta circunstância, que sinto bem junto de mim o amparo amigo do seu espírito admirável.

Quando no dia 3 — dia dos seus anos — nos abraçarmos, esqueça êstes mal alinhavados rabiscos, releve esta insignificância de quem, querendo-lhe deveras, não pode, por insuficiência, dizer até onde e como lhe quer.

No 31 de Janeiro de 1936.

José Pinto Rodrigues.

Quem quere casar com a Caròchinha?

Nunca a história de João Ratão teve tanta propriedade...

Dengosa, apaixonada e louçã, ei-la que se debruça no balcão da sua faustuosa vivenda, tôda enfeitada e senhoril, de olhos fitos na rua, sorriso entreaberto nos lábios, decote aconchegadinho ao pescoço, suspirando a espaços, tal e qual uma menina que vê correr seu tempo, e clama de quando em vez:

— *Quem quere casar com a Caròchinha?*

. . . . . .

O epílogo da história todos o conhecem. Morto João Ratão dentro de um caldeirão... de novo a dama enamorada vem tomar lugar no balcão da sua faustuosa vívenda, tôda enfeitada e senhoril, decote aconchegadinho ao pescoço, suspirando por uns olhos que a enfeiticem e prendam.

Esta hístòriasinha de bébés, contada singela e despretenciosamente, pode aplicar-se àquela *eminentíssima*, para não dizer ataroucada, benzedeira que não perdeu ainda o vício dos esconjuros e das rezas, cobrindo mais o rôsto para que os apetites se despertem, e que do alto da sua emundação, dita que uma coisa só a preocupa e a des-sala: — *o seu muito amor por Guimarãis*!

Fanhosa na sua maneira de conversar, *destrutiva* na maneira como se desenvencilha dos *ratões* que a conduzam ao himeneu, descoca-se na ciumeira exagerada e, *diplomàticamente*, chama a si o cacarejo de seu puritanismo para declarar que tôda a fortuna é **sua e muito sua**, deixando que aos herdeiros verdadeiros seja permitido gozar só das delícias das coisas sem valor algum: — o *Castelo dos Almadas* e a *Torre da Alfândega*.

Mas, pregunta-se:

— ¿ Os números que figuram no inventário ou que acumulam cifras de fortuna, estarão certos?

*

— O Passado não nos interessa. Seja ponto assente.

Se a tacanhez de espírito do plumitivo que se desaparafusa em esconjuros e insídias, gaguejando *re-gionalismo*, não abrange o sentido do *Regionalismo* sem tartamudez ou fanatismos, melhor será que siga o exemplo da bruxa de Escarei e queime nos variadíssimos caldeirões de Pero Botelho o amor que apregôa e divulga, para sua completa imortalidade.

Paciência!

Isto não se fez para caròchinhas de... capa e mantilha.

Caleiros

— *Arreda que aí vem aguaceiro!*

E o pobre do transeúnte marasma-se de horror ao lembrar-se que nem com «sanções» os caleiros das casas citadinas têm consêrto...

Vive-se a contento do nosso semelhante, sujeito e escravizado ao seu bel-prazer, inteiramente dominado pelo seu arbítrio e desejo de infracção ao *Código de Posturas*.

31 de Janeiro

Comemorando esta histórica data estiveram encerradas as repartições públicas e casas bancárias.

Coronel Gonzaga Pinto Júnior

Vai aumentando, progressivamente, o número dos combatentes que se interessam pelo bom nome de Guimarãis e pela gratidão à memória dos Heróis da Grande Guerra.

O Excelentíssimo Coronel António Maria Gonzaga Pinto Júnior, não esqueceu os soldados da Brigada do Minho que compunham o seu 4.º batalhão e, com a sua alma de antigo combatente, vem dar ao *Notícias* a sua valiosa solidariedade ao gesto que tem por fim redimir a nossa terra. Mais uma adesão para nos encorajar e que o *Notícias* agradece e regista, penhoradamente, em nome daqueles que se propõe glorificar.

Do verbo haver...

Há quem se entretenha a falar dos outros quando, para revelar critério, em antes de o fazer, deveria examinar-se a si. A maledicência teve em todos os tempos os seus melhores cultores naqueles para quem as normas da honradez, da hombridade e da educação, não contam.

— Há quem se regosige com o mal alheio, e nem porisso deixe de simular constrangimento.

— Há pessoas que aparentam *polidez* e, conversadas, revelam-se *grossinhas* de todo.

— Há quem se julgue em terreno conquistado, quando de facto o mesmo nem alugado lhe foi.

— Há pessoas que dizem com todos, que vão com todos, na mira de se governarem — e às vezes... conseguem-no.

— Há outras, ainda, que são tal qual o *Iscariote:* — Sorriso nos lábios e traição na alma.

— Há quem pense ter ideias que todos devem aproveitar, quando é certo que as mesmas nada valem e para nada prestam.

— Há pessoas com os órgãos visuais perfeitos e, não obstante isso, são cèguinhas de todo.

— Há quem procure cativar a simpatia dos parceiros, para cabal satisfação dos seus desígnios.

— Há quem se julgue super-Ser quando, no fim de contas, nem para ser *supra* tem préstimo.

— Há quem se arrogue a dar lições quando delas tanto necessita.

— Há quem julgue que as ideias que professa constituem dogmas que todos são obrigados a observar.

— Há quem vá muitas vezes com o propósito de lesar e fique lesado.

— Há pessoas tão rancorosas que, às vezes, até se mordem a si próprias.

— Há anões que julgam ser gigantes.

— Há pessoas a quem o despeito e a inveja cegam de tal forma que até perdem a compostura.

— Há quem julgue que *o preto não ser gente*, e *o preto ser gente*, sim-senhor.

— Há muito mais que dizer, mas... fica para outra vez.

Belgatour.

Arrendamento

Arrenda-se uma quinta e um engenho de linho, sitos na freguesia de Oleiros, dêste concelho.

Falar nesta redacção. (22

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

Pró-Monumento

aos Mortos da Grande Guerra

Subsídios para a sua História

Está dado o primeiro passo. Vamos, em breve e ao que consta, entrar na segunda fase. A correspondência inserta num dos números do *Primeiro de Janeiro* que mão amiga, solicitamente, me enviou, mostra que em reünião magna realizada em Guimarãis, ficaram nomeadas várias comissões que teem o encargo de realizar êsse sonho que há três anos, pouco mais, tem consumido a minha energia, como a dos seus poucos colaboradores. E' fora de dúvida que, no mesmo sentido, houve, pelo menos, duas tentativas que, infelizmente, não chegaram a florir. Deixemos, pois, no esquecimento, êsses dois insucessos, não por desprimor para quem os tentou, mas porque, ao enumerá-los, teria de fazer incidir sôbre êles uma apreciação fria, embora calma, que poderia desagradar a muitos.

Prefiro, pois, porque venci, deixar em paz os vencidos. Demais, a hora é de paz e concórdia e, conseqüentemente para bradar, a plenos pulmões: **Por Guimarãis! Pela nossa terra! Hoje, mais que ontem! Amanhã, mais que hoje!** Prossigamos, pois. O movimento pró-monumento dos *Mortos da Grande Guerra,* legenda adoptada por todos os concelhos que os possuem e não o que para aí vejo, já em foros de consagração, nasceu, pouco mais ou menos, com o aparecimento do *Notícias de Guimarãis,* onde eu andava tratando, ao tempo, de vários interêsses da minha querida Donim, ¿como nasceu a ideia? Já o disse e seria ocioso repeti-la. Até meiados de 1934, andei sòzinho, completamente desajudado em tam importante assunto. O meu nome, atendendo ao tempo a que tinha deixado a Guimarãis que me educara, era desconhecido e, certamente, por isso, a sementeira não germinara, a-pesar-do carinho com que fôra tratado. Estudei o mal e procurei o remédio; não havia outra cousa a fazer. Desistir não é próprio de quem tem fé; e eu tinha uma grande fé e uma grande esperança; foram essas duas grandes virtudes que me ampararam, durante tam longa, como penosa caminhada.

Que prazer para a minh'alma e que alegria para o meu coração, se podesse um dia, tarde ou cêdo, prestar um grande serviço à excelsa Guimarãis!

Procurei, então, o chefe prestigioso, mestre querido e amigo devotado.

Contei-lhe o meu sonho e, também, o insucesso. Ouviu-me, cheio de bondade e aconselhou-me a não desistir e, antes, a insistir e, mais, a persistir!

Retorqui, respeitosamente: — Mas, para isso, preciso que Vossa Excelência me auxilie com um artigo para o *Notícias!* — Está servido! foi a sua pronta resposta!

E, assim, a 3 de Setembro de 1934, publicava o N. de G. uma carta-artigo do Ex.mo Sr. General Ferreira Martins que foi, verdadeiramente, a primeira acha luminosa para a fogueira, até então mal ateada pelo mais humilde dos combatentes.

Principio uma nova sementeira para o ano seguinte; bordão de romeiro numa das mãos e, na outra, meia dúzia de jornais com o artigo atrás citado; estrada do civismo fora, arrostando com o *sim* e o *não;* a uma negativa, outra tentativa. E, assim, o ano de 1935, foi um verdadeiro duelo de intercâmbio espiritual — pró-Monumento — entre prosadores ilustres, todos estranhos a Guimarãis e dois poetas vimaranenses já aureolados.

Em 24 de Março, o Ex.mo Coronel do Estado Maior, Eduardo Azambuja Martins, vem em meu auxílio.

Em 2 de Junho, sucede-lhe o Ex.mo Coronel de infantaria Jorge Pais de Oliveira Mamede e, neste mesmo dia, o poeta Delfim de Guimarãis, num lindo gesto de elegância moral, como que a saüdar os ilustres hóspedes, faz um apêlo veemente e caloroso, aos vates vimaranenses, para que tomem lugar em tam simpático torneio. Logo, a 9 de Junho, acode pressurosa e solícita a alma incendiada e comovente, cheia de lirismo, do poeta, hoje amigo dos de melhor quilate, António de Freitas Soares Júnior. A 30 de Junho, surge o Ex.mo Coronel do Estado Maior, Henrique Pires Monteiro. A 14 de Julho, debuta o Capitão de infantaria Jerónimo Montenegro, bravo comandante do batalhão de infantaria n.º 20, na batalha de La Lys, acompanhado da alma insaciável de Freitas Soares, que, a 21, tange a sua lira pela terceira vez. Seguidamente, a 28 de Julho, pisa de novo a liça, o Capitão Montenegro e, a 4 de Agôsto, Delfim de Guimarãis, sobe ao Parnaso, pela segunda vez, com a lira gemente e o coração a fremir. O Capitão Montenegro, quere penitenciar-se do silêncio havido e, consegue-o, com os seus brilhantes artigos de 11 e 18 de Agôsto. Ainda neste mês, a 25, Freitas Soares, pela quarta vez, a sua gentil colaboração. Finalmente, a 9 de Dezembro, o Ex.mo Tenente-Coronel do Estado Maior, José Filipe de Barros Rodrigues, combatente de grande envergadura, onde a coragem corre parelhas com a inteligência, professor da Escola Militar e membro da Câmara Corporativa, com afazeres múltiplos, muito embora, e com a saúde um tanto abalada, encerra o ano de 1935 com o seu magistral artigo «Pró-Monumento».

Fechou, assim, com chave de ouro, o ano que findou. Acaso? Não. Foi a minh'alma que o pensou assim e, felizmente, assim sucedeu. Ainda bem.

Temos, pois, que em 1934/35, pugnaram pelo monumento, seis prosadores, hóspedes ilustres do *Notícias* e dois poetas vimaranenses, não mais.

Com a consagração da «maquette» e com a nomeação das várias comissões «Pró-Monumento», está desbravado o caminho e prestes a terminar a missão que, voluntàriamente, me propuz. Vai começar a segunda fase, e de esperar é que todos se compenetrem da obrigação contraída: servir bem e o melhor possível. De pé e com os olhos levantados para o azul dos céus, evocando a memória querida dos antigos camaradas que, em serviço da Pátria, tombaram nos campos de batalha, simbolizados nos dois Heróis que repousam na sala do capítulo da Batalha, eu saüdo, com reverência, os que chegam: — ilustres membros da Comissão de Honra, Comissão Executiva, Comissão Administrativa, Comissão de Propaganda e Comissão Auxiliar.

Benvindos! Lugar aos que chegam!

Lisboa, Fevereiro de 1936.

Manuel de Guimarãis.

O "Leão dos Mares,,

Deu-nos o prazer da sua visita o distinto 1.º piloto da Marinha Mercante sr. Fernando da Cunha Menezes, que veio a Guimarãis expôr os seus interessantes trabalhos, entre os quais figura a *maquette* dum Cruzador de 1.ª Classe a que deu o nome de *Leão dos Mares.*

O cruzador que mede 1,35 por 25 cent. e desloca 20 milhas à hora é assim apetrechado: no Castelo da prôa ostenta redutos com os respectivos canhões, 4 de longo alcance e 2 peças ligeiras, sôbre a ponte de comando um Castelo blindado com um interessante relógio, um projector e um óculo de longo alcance, aviões, cabine de T. S. F., canhões anti-aéreos, etc., etc.

Esta obra de paciente engenho, que muito honra aquele humilde artífice nacional, encontra-se em exposição no Café do Toural.

DA CIDADE

Sociedade Martins Sarmento — *Conclusão do edifício* — A Direcção desta prestante instituïção vimaranense, solicitou a comparticipação do Estado para a conclusão das obras do seu edifício, no montante de cêrca de 500 contos.

Homenagem ao Mestre — Por sugestão da S. M. S. a Câmara Municipal do Pôrto resolveu dar o nome do imortal Arqueólogo Martins Sarmento a uma das ruas da Capital do Norte.

Obras na Citânia — Vão continuar, dentro em breve, as obras a que tem andado a proceder-de na Citânia de Briteiros, para as quais existem ainda 10.000$00 da verba votada no ano transacto pela Direcção dos Edifícios Nacionais.

Ligação duma Estrada — A S. M. S. pediu à Junta Autónoma das Estradas a ligação, por uma estrada dos dois notáveis monumentos arqueólogos — Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Sabemos que a petição vai ser atendida.

Catálogo em organização — O sr. capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S. trabalha na organização da segunda parte do catálogo do notável Museu da S. M. S, a fim de lhe ser dado publicidade por todo o corrente ano.

Notícias religiosas — Realizou-se, no domingo, com tôda a imponência, no templo das Dominicas, a festividade anual em honra de S. Sebastião, em que foi orador o rev.º dr. Abílio Cândido de Almeida Gomes, antigo capelão militar, que foi escutado por um numeroso e selecto auditório e proferiu uma brilhante oração. O templo estava artisticamense decorado e a orquestra sob a regência do rev.º Amaio, de Braga, agradou.

*

Na Basílica de S. Pedro realiza-se, hoje, a festa anual da Congregação de Maria, à sua Padroeira. Haverá missa cantada e comunhão geral, de manhã, e à tarde sermão, admissão de novos congregantes, bênção do SS.mo, etc.

P.e José Ferreira Leite — Foi muito concorrida a missa mandada celebrar ante-ontem, na capela da V. O. T. de S. Domingos, pela mêsa daquela Ordem, em acção de graças pelo restabelecimento do seu benemérito Padre Mestre, o rev.º José Ferreira Leite.

Casamento — Na Igreja paroquial de Serzedelo realizou-se, há dias, o casamento do nosso prezado amigo sr. Armindo Ribeiro da Costa Sampaio, filho do sr. Fortunato Ribeiro da Costa Sampaio e de sua espôsa a sr.ª D. Palmira de Sousa Sampaio, proprietários na freguesia de Gondar, com a sr.ª D. Rosa Gomes de Castro, proprietária na freguesia de Serzedelo.

Aos noivos desejamos as maiores prosperidades.

Doente — A fim de se submeter a um rigoroso tratamento encontra-se no Pôrto, na Casa de Saúde do sr. Dr. Alberto Gonçalves, a sr.ª D. Maria Cândida Mendes Simões, espôsa do nosso prezado amigo sr. Torcato Mendes Simões, conceituado industrial.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Brindes — Por intermédio do nosso prezado amigo sr. Francisco de Aguiar, recebemos, da importante Companhia de Seguros "Douro,, uma linda agenda de bôlso para o corrente ano e um interessante livrinho de apontamentos, que muito agradecemos.

Aquela importante Companhia, que se fundou no ano de 1835, tem a sua sede no Pôrto, em edifício próprio, no Largo de S. Domingos, e Agências em todo o País.

Sufragando — Como havia sido anunciado, celebrou-se há dias, na capela de S. Domingos, uma missa por alma da sr.ª D. Josefa Emília do Nascimento Leite, acto que foi muito concorrido.

Padre Francisco de Assis — No Pôrto tem estado gravemente doente o rev.º Francisco de Assis Pinto dos Santos, que nesta cidade conta muitas amizades. Desejamos as suas melhoras.

GRANDE FEIRA FRANCA e FESTA RELIGIOSA

EM

S. TORCATO

GUIMARÃES

No dia 27 de FEVEREIRO de 1936

No grandioso e aprazível **Mosteiro de S. Torcato, incontestàvelmente um dos mais visitados centros de romagem e Turismo,** realiza-se no dia 27 de Fevereiro uma importantíssima FEIRA FRANCA de Gado bovino, e no majestoso templo grandiosas solenidades religiosas pela comemoração do aniversário do **Martírio de S. Torcato,** miraculoso orago da região, abrilhantadas pela reputada banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, que dará entrada no Mosteiro pelas 9 horas, onde, durante a tarde, executará num dos elegantes corêtos um escolhido programa.

A Comissão de Iniciativa de S. Torcato, fundadora e organizadora dêste certame, estabeleceu os seguintes prémios para os melhores expositores de

GADO BOVINO

1.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda	100$00
2.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda imediata	50$00
3.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho	80$00
4.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho imediata	50$00
5.º — Ao expositor da melhor junta de touros até 2 dentes	50$00
6.º — Ao expositor da melhor junta de touros até 2 dentes imediata	40$00
7.º — Ao expositor da melhor vaca turina	30$00

CORRIDAS DE GADO CAVALAR

8.º — Ao cavalo ou égua que mais correr com passo travado e com mais perfeição	150$00
9.º — Ao cavalo ou égua que mais correr com passo travado imediato	50$00
10.º — Ao cavalo ou égua que mais correr a galope	30$00
11.º — Ao jumento ou jumenta que mais correr	30$00
12.º — Ao jumento ou jumenta que menos correr	10$00

ESTÚRDIAS

13.º — A' melhor estúrdia minhota que se apresentar até ao meio dia e com melhores cantadores	40$00
14.º — A' melhor estúrdia imediata	20$00

NOTAS — Os concorrentes aos prémios do gado bovino e corridas de gado cavalar terão que dar entrada no local da feira até ao meio dia e inscreverem-se, até ás 13 horas, na Pensão-Restaurante Central. — Todo aquele que o ano passado foi premiado, quer como expositor quer como corredor, não poderá êste ano concorrer ao mesmo prémio. — A distribuïção dos prémios ao gado bovino será conferida, pela Comissão, às 14 horas. — As corridas de gado cavalar começam às 15 horas, em linha recta, e nenhum dos corredores poderá repetir a corrida. — Não é permitida a apelação para a decisão da Comissão. — Todo e qualquer dos prémios só será conferido desde que apareçam mais do que um concorrente. — A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (Guimarães), estabelece, a exemplo do anos anteriores, comboios extraordinários a preços reduzidos. — Durante o dia haverá carreiras de camionetes entre Guimarães e S. Torcato, com serviço permanente.

Aviso importante — Leva-se ao conhecimento dos interessados que todos os comboios ascendentes e descendentes (excepto rápidos) têm paragem diária no apeadeiro de Aldão (S. Torcato), o que é de uma grande vantagem e comodidade para quem tenha de vir a S. Torcato, que fica apenas distante daquêle apeadeiro meia légua. — O preço de cada bilhete, que são passados em trânsito da estação de Guimarãis ao referido apeadeiro e vice-versa, é de $90 centavos.

Sam Cristóvão — Penha

No intuito de se conseguir uma capela digna da bela imagem de Sam Cristóvão, adquirida pelos motoristas desta cidades, foram enviadas circulares a todos os proprietários de viaturas automóveis do concelho de Guimarãis e doutras localidades, afim de se conseguir da sua generosidade o numerário necessário para as obras já em execução.

De esperar é que todos correspondam ao apêlo que lhes foi feito, visto tratar-se de honrar o Santo Protector dos que, confiadamente, se entregam aos caprichosos destinos do volante.

Com a devida vénia vamos publicar os nomes dos Ex.mos Subscritores.

Ex.mo	Senhor	António José Pereira de Lima	100$00
«	«	Dr. António de Jesus Gonçalves	50$00
«	«	Condessa de Margaride	50$00
«	«	Aprigio da Cunha Guimarãis	50$00
«	«	João Rodrigues Loureiro	100$00
«	«	José Maria Félix Pereira	100$00
«	«	Joaquim de Sousa Pinto	100$00
«	«	Abílio Pinto de Barros (Moreira de Cónegos)	100$00
«	«	Francisco de Assis Costa Guimarãis	30$00
«	«	D. Maria Carolina Magalhãis Santiago	30$00
«	«	Benjamim Constante de Matos	20$00
«	«	João Ribeiro Dias Júnior	20$00
«	«	Armando Martins	20$00
«	«	Dr. Joaquim Augusto de Barros	20$00
«	«	Joaquim de Azevedo	20$00
«	«	António Emílio Ribeiro	20$00
«	«	João Saraiva	20$00
«	«	Dr. Carlos Saraiva	20$00
«	«	D. Luísa Gomes Fernandes Guimarãis (Urgezes)	20$00
«	«	António Cândido de Sousa Carvalho	20$00
«	«	Dr. Alberto Rodrigues Milhão	20$00
«	«	João de Paiva de Faria Leite Brandão	20$00
		Soma	955$00

Continua.

Crónica de Lisboa

Tem chovido em Lisboa torrencialmente causando sérios prejuízos materiais e morais. Como as ruas nalguns pontos estão intransitáveis, e o pobre transeunte não tem automóvel, atola-se na lama, correndo o risco de se estatelar.

Coisas das Câmaras.

— Nos cinemas e teatros, vai adoptar-se o sistema de tocar a Portuguesa antes do espectáculo. Isto nada tem de extraordinário, se não tivessem proïbido o toque do hino nos emissores particulares, por causa da divulgação proliciosa.

Percebem? Eu não...

— Diz-se que os irmãos Andrade — arquitectos de elevado valor — foram convidados a construír o gigantesco Hotel de Benguela, que ficará sendo um dos maiores do mundo. Comportará 2.000 quartos para tôdas as classes; destina-se aos passageiros que viajam no caminho de ferro e esperam embarque para os portos do mundo.

— Correu geral entusiasmo pelo desafio de futebol Portugal-Austria. Deixamos de ir ao Porto ver êste acontecimento devido à Emissora Nacional fazer o relato do encontro; todavia, ficamos sem perceber patavina, dada a forma como foi feito.

Coisas da Emissora...

— Para o filme «Bocage» foram escolhidas, entre outras, três artistas para interpretar a realização de Leitão de Barros. Duas são brasileiras e uma portuguesa. Decididamente os realizadores portugueses não passam sem estrangeiros! E certamente apuraram a portuguesa para se não dizer que o filme de português só tem o nome.

— Continuam fazendo largo êxito as revistas no Coliseu. Aquilo certamente é por causa dos beijos que Vanise Meireles dá aos espectadores.

J. C. R.

Prédio — Vende-se — na rua da Rèpública.
Recebe propostas o sr. Albano Pires de Sousa, morador na mesma rua. (35)

Aluga-se Uma espaçosa loja, bem situada. Nesta redacção se diz. (32)

Vendem-se Duas sortes terra de mato com pinheiros, no monte da Portela, muito perto da estrada de Guimarãis a Fafe.
Informa o solicitador Pimenta. (31

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO
ADVOGADOS
Escritório — R. Gravador Molarinho, 32
(Baixos da Assembleia)
TELEFONE, 58

Tipografia Minerva Vimaranense
Rua de Santo António
GUIMARÃIS
Impressões em todos os géneros

Lêde e assinai o «Notícias de Guimarãis»

O Alvorecer do jornalismo...

II

Carlos Lobo de Avila: eis aqui o grande e brilhante membro do Parlamento, tam caloroso e eloqüente nos seus rasgados discursos, chegando durante horas executivas, a conservar o auditório suspenso, de tal maneira era aprazível ouvi-lo.

Das suas possibilidades literárias, possuímos como testemunho apreciável, a "Revista de Coímbra„ onde se pôde manifestar um colaborador distinto, querido de todos.

Urbano de Castro; é mais um ilustre nome e por tal motivo não pode escapar à nossa modesta observação. Trabalhador incansável, Urbano de Castro deixou o seu nome bem vincado no "Jornal da Noite„, "Diário da Manhã„, "Correio da Noite„ e "Correio da Tarde„.

Antônio Enes; é também um dos jornalistas que sobressai, mas de modo diferente dos anteriormente citados.

Seguiu com proficiência o caminho do teatro, tendo-nos legado duas interessantes peças dramáticas, qual delas a mais completa, onde pôs sem dúvida o seu melhor talento: os "Saltimbancos„ e os "Lazaristas„.

Depois de alcançar explêndido êxito, na última peça, o seu nome atravessou fàcilmente a fronteira, e chegou à nossa terra irmã.. — o Brasil. Um pouco mais tarde, ou envolvido na impetuosa onda política, ou por ela arrastado, ingressou no jornalismo. Revelou-se um jornalista superior e dirigiu com proficiência o jornal "O Dia„. Também na revista literária, intitulada "Serões„, escreveu António Enes, agradabilíssimas impressões de viagem — "De Lisbôa a Moçambique„. Nessas páginas de fino recorte literário, há, por vezes, passos cheios de beleza, onde transparece a riqueza de imágens e a variedade de vocabulário.

Emídio Navarro; o grande estadista e homem de letras, ligou-se ao jornal as "Novidades„ por si fundado em 1885 e que aliás muito honrosamente dirigiu até aos derradeiros momentos da sua vida.

No livro "Quatro dias na Serra da Estrela„, manifesta um considerável poder descritivo, tendo frases curiosas, cheias de côr e movimento, páginas modelares, páginas de ouro, porque de ouro era a sua pêna, sempre posta ao serviço da Nação.

Eis a traços largos o que se me ofereceu dizer, quando tracei a biografia de Rodrigues Sampaio, simples notícias da primeira fase jornalística portuguesa, que se não desenvolvi mais e não documentei com textos dos autores a que me referi, foi apênas pela circunstância de assim, não tornar o meu trabalho mais extenso, extensão que nenhum proveito trazia à minha exposição sôbre Rodrigues Sampaio.

Domingos Gomes.

Do livro a publicar:
«A carreira política de Rodrigues Sampaio».

DO CONCELHO

Briteiros, 29.

Acompanhada, sempre, de forte ventania, e, muitas vezes, de trovoada, como ainda ontem à noite, a chuva parece apostada em não nos deixar êste ano, caindo ininterruptamente, causando grande transtôrno aos pobres e lavradores, fazendo trasbordar rios e ribeiros, cujas cheias, saindo fora dos leitos, veem inutilizando, há mêses, sementeiras, caminhos e estradas. Além disso, os temporais teem derrubado bastantes árvores, causando desmoronamentos de muros, etc., e, as telhas, como já não agüentem tantas chuvas, é rara a casa aonde não chôva.

— Os ladrões, ùltimamente, teem assaltado, por aqui, várias casas de lavradores, roubando galinhas, milho e tudo o que podem apanhar.

— Não obstante a nossa campanha e as medidas decretadas pelo Govêrno em prol dos pobres e da saúde pública, algumas padarias de Caldas das Taipas continuam a fabricar «pão microscópico» que — dizem os respectivos fabricantes ter o pêso — mas, está longe dos 50 gramas, cremos estipulados por lei.

Resta-nos ainda saber a qualidade do pão, visto que, nunca atingindo o pêso de 50 gramas, tem, todavia, mais pêso do que aquele que estaria em proporção com o seu tamanho, e não tem o mesmo gôsto nem o tamanho daquele que é fabricado em Braga, Pôrto, etc. Porque será? Pedimos para chamarmos, para o caso, a atenção do Ex.mo Senhor Governador Civil do Distrito, bem como para o não fabrico do pão de 3.ª, que muito viria beneficiar os pobres, e de cuja falta ignoramos a causa

— De visita a seu filho e casa da Quinta da Igreja, esteve aqui, no sábado transacto, o Ex.mo Sr. Dr. João Antunes Guimarãis, ex-ministro do Comércio e Indústria, e actual Deputado da Nação.

C.

S. Torcato, 30.

Diversas notícias

No domingo passado — lindo dia de sol com que a Natureza nos mimoseou — foi esta estância muito visitada por forasteiros que, após a visita ao majestoso templo e a oferta de suas esmolas ao milagroso S. Torcato, seguiram òptimamente impressionados

— Movimento havido no pôsto de registo civil desta freguesia, duante o ano findo:

Nascimentos, 136; óbitos, 127; casamentos, 40.

— Na sexta-feira da semana passada, visitaram esta freguesia e a de Rendufe, aonde são proprietários, o sr. António José de Oliveira e sua espôsa sr.ª D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes, ilustres professores da cidade de Braga.

— No pretérito domingo esteve de visita neste local a família da sua amizade, a sr.ª D. Ana Rosa Pinto Leitão, ilustre professora em Creixomil — Guimarãis.

— Procedente do Pôrto, encontra-se de visita a sua família, nesta freguesia, a sr.ª D. Maria da Glória Machado Lobo, distinta modista.

— No domingo último visitou esta estância o nosso amigo sr. Amândio Martins de Melo, industrial em Guimarãis.

— O número do aniverário do «Notícias de Guimarãis», últimamente publicado, foi brilhantemente orientado, tornando-se uma obra cheia de brilhantismo.

Felicito todos os srs. colaboradores e correspondentes e em especial o seu digno director, pelo engrandecimento e prosperidades dêste ilustrado semanário.

— Procedente de França, aonde permaneceu alguns anos, chegou a Rendufe, sua terra natal, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Manuel Fernandes da Silva, proprietário da Viacova.

Folgamos muito com a sua vinda.

— Baixou ao hospital da Misericórdia, de Guimarãis, João de Sousa, casado, sapateiro, desta freguesia, que na noite de segunda-feira passada, foi bàrbaramente espancado por um mau homem de péssimos instintos, quando todos procediam dum julgamento levado a efeito nessa cidade.

C.

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do **Montepio «A REFORMA»**, com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500$00, e Subsídio para funeral de 1.000$00 a 25 000$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735$96; Pensões de inabilidade, 42.668$40; Pensões a herdeiros, 151.263$80, e subsídios únicos, 38.960$00

Os subsídios que êste Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19.281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos tôdas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.

Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS

(3)

Arrematação

1.ª praça

No dia 9 do mês de Fevereiro, pelas 12 horas, à porta do tribunal judicial desta comarca, situado à rua do Gravador Molarinho, tem de proceder-se à arrematação em hasta pública para serem entregues a quem mais oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes bens imobiliários penhorados aos executados D. Maria Amélia de Freitas Aguiar Vieira e marido, de S. Martinho de Conde, na execução por custas e sêlos que lhes move o Ministério Público, a saber:

Duas leiras do Poço, que hoje constituem uma só leira chamada da Sorte da Vinha, na freguesia de S. Martinho de Conde, descrita na conservatória sob o N.º 39.418, avaliada em Esc. 300$00.

A leira dos Pinheiros, sita no lugar de Tresmonde, freguesia de Moreira de Cónegos, descrita na conservatória sob o N.º 39.419, avaliada em Esc. 2.500$00.

A leira da Junqueira, situada na freguesia de S. Martinho de Conde, descrita na conservatória sob o N.º 39.420, avaliada em Esc. 500$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos dos executados e especialmente os representantes dos crédores falecidos: Pedro de Sousa Guedes Aguiar e mulher D. Maria Antónia de Freitas Melo e Castro, e seus irmãos e irmãs Cónegos Joaquim de Sousa Guedes Aguiar e Domingos de Sousa Guedes Aguiar, D. Emília de Sousa Guedes Aguiar e D. Rita de Sousa Guedes Aguiar, êstes pela quantia de 12.573$00, — José Gil Vieira, pela quantia de 4.955$32,5, — António José Ferreira Caldas, pela quantia de 1.237$20, — e D. Josefa Emília do Nascimento Leite, pela quantia de 2 000$00.

Todos êstes referidos credores falecidos foram desta cidade e a favôr dêles existem registos de hipoteca e penhora sôbre os prédios a arrematar.

Guimarãis, 17 de Janeiro de 1936.

O Chefe interino da 1.ª Secção,

Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
substituto,

(34) *João Aires.*

CASA

Vende-se a da rua Egas Moniz n.º 81 a 87, de 2 andares, estando devoluta.

Para tratar, falar com João António de Sampaio — Guimarãis. (38)

Curiosidades Mundanas

A origem da língua alemã

Twain explica a formação da língua alemã na seguinte anedocta:

Um jornal de Dresden, o Weidman, *julga que há Kangaras (Bentelratte) na Africa do Sul e diz que os hotentotes (Hottenton) os metem em gaiolas (kotter) cobertas (lattergiter) para os proteger do tempo. Chama-se pois às gaiolas*--lattergittermetterbentelratte.

Um dia um assassino (attentater) foi prêso por ter morto uma mulher hotentote (Hottentotenmutter) mãi de dois estúpidos gaguejantes petizes em Strattertrotel. A mulher em alemão diz-se Hottentotenstrattertrottelmutter *e o seu assassino toma o nome —* The Hottentotensstrattermutteratten tater. *O assassino ficou prêso na gaiola do kangaru —* Bentelratterlattergittermetterkotter — *donde fugiu de aí a dias para ser recapturado por um outro Hotentote que se apresentou na esquadra de polícia todo sorridente — "Capturei o* Bentelratte„.

— *Qual? — preguntou o chefe. "Há vários„...*

— *O* Attentaterlatengittermetterkotterbentelratter.

— *Mas a que "attentater„ te referes?*

— *Ao do* Hottentotenstrattertrottelmutteratteutater.

— *Então porque não disseste logo —* Hottentoterstratermutterattentatterlattergitterm tterkotterbentelratte?

A Tôrre de Babel

Sabe-se que a famosa Tôrre de Babel ainda existia 335 anos depois de Cristo, graças a um membro da Academia das Inscrições e Belas Artes, de Paris, que descobriu um manuscrito grego, desconhecido, onde se encontra a completa descrição da Tôrre. Distava 94 quilómeros da cidade de Babilónia: compunha-se de uma base de 184 metros, de largo, com 74 pés de altura. No meio elevava-se uma tôrre quadrada formada de seis degráus superiores com um pequeno santuário em cima. Os andares tinham 67 metros de altura. Subia-se ao santuário por 365 degráus exteriores, dos quais eram 305 de prata e 60 de ouro. Este número representava os 365 dias do ano, divididos por sete andares, correspondentes aos sete dias da semana.

O Box na Alemanha

As juventudes hitlerianas resolveram dar grande desenvolvimento ao "box„ pois entendem convir à mocidade a aprendizagem de tal desporto, que "representa a melhor fórma de defêsa pessoal„. Os rapazes de 14 a 16 anos utilizarão luvas de 10 onças.

Feitos de aviação

Em Moscovo, o aviador Koninaki efectuou um vôo à estratosfera. Conseguiu elevar-se a 11.500 metros e conservar-se a esta altitude durante uma hora e trinta minutos. Os termómetros de bordo registaram uma temperatura exterior de 69 gráus centígrados abaixo de zero. Koninaki é o mesmo aeronauta que em Novembro de 1935, conseguiu atingir 14.000 metros de altitude.

Cigarros com música

Em Berlim apareceu um pequeníssimo aparelho de radiofonia na exposição de rádio. Na referida exposição encontra-se também exposta uma cigarreira de algibeira que se abre em duas, como as vulgares, tendo de um lado cigarros e do outro um aparelho de telefonia sem fios. De maneira que já se podem oferecer ao mesmo tempo cigarros com música, tudo acomodado na mesma caixa.

Só falta haver aparelhos de telefonia dentro dos cigarros...

AINDA O ANIVERSARIO DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

Registamos, com muito prazer, mais as seguintes notícias:

Do *Notícias de Fafe*

Noticias de Guimarãis — Entrou no seu quinto ano de existência, êste nosso prezado colega, que, como o título indica, vê a luz da publicidade na vizinha cidade de Guimarãis.

E' seu director o nosso prezado amigo e distinto jornalista, sr. Antonino Dias Pinto de Castro, que lhe tem dado uma orientação verdadeiramente bairrista.

O número do aniversário saíu com grande número de páginas, ilustrado com o retrato de todos os seus colaboradores e magnìficamente colaborado.

Ao «Notícias de Guimarãis» que vimos crescer em tiragem e qualidades combativas, apresentamos as nossas felicitações e os desejos de longa vida.

De *A Póvoa de Lanhoso*

Noticias de Guimarãis — Entrou no dia 12 dêste mês no quinto ano da sua fundação, publicando no domingo passado um n.º especial.

Felicitamos por êsse motivo aquele nosso bem redigido e dirigido colega, estimando que tenha sempre a aura popular a seu favor, prodigalizando-lhe inúmeras assinaturas.

De *Jornal de Penafiel*

Noticias de Guimarãis — Com o n.º da ultima semana entrou no 5.º ano de publicação êste nosso distinto colega, publicando por um número de 16 páginas profusamente ilustrado e distintamente colaborado.

Ao seu ilustre Director e nosso querido amigo Antonino de Castro, endereçamos os nossos melhores cumprimentos.

O *«Notícias de Guimarãis»* agradece as amáveis referências e apresenta aos ilustres colegas as suas saüdações.

EDITAL

A Comissão Venatória Concelhia, faz saber que, por Portaria n.º 8.349, de 21 dêste mês, S. Ex.ª o Sr. Ministro da Agricultura ordenou o encerramento da caça em tôda a Região do Norte, no passado dia 25 do corrente.

Está portanto encerrada tôda a caça, só podendo caçar-se nos terrenos a que se refere o § 1.º do Artigo 10.º do Decreto N.º 23.461.

A Bem da Nação.

Guimarãis e Secretaria da Comissão Venatória Concelhia, 30 de Janeiro de 1936.

O Presidente,

(39) *Alberto Costa.*

VENDEM-SE Duas quintas na freguesia de Atãis, próximo à estrada que segue para Rendufe. Pagam 15 carros de medidas. Têm boas casas, bons bravios e água e podem ser vendidas juntas ou separadamente. Também se vende uma casa na rua de Francisco Agra, n.º 40-42-44, com quintal e campo.

Falar na rua Egas Moniz, 61. (33)

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Notícias pessoais

Dr. Eduardo d'Almeida

Passa àmanhã o aniversário natalício do nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Eduardo d'Almeida, talentoso advogado vimaranense.

S. Ex.ª que tem passado encomodado, encontra-se melhor dos seus padecimentos.

Folgando com as suas melhoras apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de parabens.

Visconde Viamonte da Silveira

Deu-nos há dias a honra da sua visita o ilustre titular Snr. Visconde Viamonte da Silveira, que se encontra, temporàriamente, na sua Casa dos Pombais, desta cidade.

S. Ex.ª veio pagar-nos a sua assinatura.

Agradecemos.

Dr. Alfredo Pinto

Cumprimentamos nesta cidade o distinto clínico e nosso bom amigo sr. dr. Alfredo Pinto, de Vizela.

Coronel Alcino Machado.

Esteve entre nós o nosso bom amigo sr. Coronel Alcino Machado, que se encontra actualmente em Requião, Famalicão.

Várias.

Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo, sr. Amadeu Alves Carneiro, conceituado negociante local.

— Encontra-se doente a sr.ª D. Maria José Noronha de Carvalho.

Dr. Artur Augusto d'Oliveira Valente.

Foi nomeado Juiz de Direito desta comarca, o ilustre Magistrado sr. dr. Artur Augusto d'Oliveira Valente que já aqui desempenhou aquelas funções, tendo-se revelado aos olhos de toda a gente um Juíz criterioso e digno, qualidades que lhe grangearam as maiores simpatias.

S. Ex.ª deve tomar posse por êstes dias.

O *Noticias de Guimarãis* apresenta-lhe os seus respeitosos cumprimentos.

Médicos louvados pelo Govêrno

Do Comando Geral da G. N. R. baixou ao Comando da Secção desta cidade a seguinte circular:

«Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministério do Interior, louvar os médicos civis dr. Mário Dias Pinto de Castro e dr. Isaías Vieira de Castro, pelos serviços clínicos gratuitos que vêm prestando ao pessoal do posto da séde da secção da G. N. R. em Guimarãis e respectivas famílias, com todo o carinho e boa vontade, demonstrando com tal procedimento muita dedicação pelo serviço público.

Ministério do Interior, 24 de Janeiro de 1936.

O Ministro do Interior,

a) *Mário Pais de Sousa.*

Novos assinantes

Pediram a assinatura do* Notícias de Guimarãis, *mais os seguintes nossos amigos srs. José da Costa, de Covas; António José de Oliveira, de Vizela; Manuel Fernandes, de Nespereira; Artur dos Santos Rodrigues e Sebastião Gonçalves, desta cidade.

A todos os nossos agradecimentos.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

As antigas Irmandades

I

De *Nossa Senhora da Penha de França*, com 205 irmãos. De *Nossa Senhora do Socorro*, fundada em 1741 na igreja de S. Paio e que tinha 171 irmãos, sendo a sua receita 980$800 reis, deu 80$000 reis. De *Nossa Senhora da Embaixada*, erecta no convento de S. Francisco e que tinha 180 irmão. De *Nossa Senhora da Guia*, instalada na capela da mesma invocação, com 220 irmãos e um capital de dois contos aproximadamente e que deu 160$000 reis. De *Nossa Senhora do O*, fundada em 1776, que tinha 51 irmãos e um conto de capital, e deu 25$000 reis. De *Nossa Senhora do Terço*, fundada em S. Domingos em Janeiro de 1672, que tinha 114 irmãos e um capital de 580$910 reis e deu 250$000 reis. De *Nossa Senhora das Dores*, instalada no convento de Santo António dos Capuchos; era coeva da fundação do convento, sendo os seus estatutos reformados e aprovados em 1780, tendo 197 irmãos. De *Nossa Senhora da Consolação*, criada em 1645, sendo os seus estatutos assinados e aprovados em 20 de Outubro do mesmo ano. De *Nossa Senhora do Rosário e de S. Benedito*, com 200 irmãos e o capital de 867$500 reis. De *Nossa Senhora da Misericórdia*, na igreja do mesmo título com 151 irmãos que deu 120$000 reis. A *Ordem Terceira de S. Francisco*, com 1343 irmãos, com o capital de 12.781$740 reis que deu 600$000 reis. De *S. Vicente*, formada pelos alfaiates e sustentava uma albergaria. De *Nossa Senhora do Rosário*, fundada na igreja de S. Domingos, em 1609, pelo então prior do convento com autorização do arcebispo de Braga. Tôdas as segundas-feiras era feito pela vila e seus arrabaldes um peditório para manutenção desta irmandade. Aí por volta do ano de 1787 houve uma rija e escandalosa desavença, devido a rivalidades, entre esta irmandade e a das Almas de S. Paio. Foi o caso que os estatutos desta irmandade de N. Senhora do Rosário determinavam que os seus irmãos podessem renunciar os seus direitos em uma pessoa de família, principalmente num dos seus filhos legítimos, sendo varão, dando o irmão, nêste caso, só metade da esmola costumada e ordinária da entrada, determinação esta sempre observada desde os mais remotos tempos, sem a menor alteração, como lei desta irmandade. Por sua vez os irmãos das Almas de S. Paio arrogavam-se com os mesmos direitos, afirmando que tinham o *mesmo préstimo*, faziam o *mesmo serviço* e o *mesmo trabalho* e para que os seus desejos ou aspirações vingassem, fizeram uma reünião, que por falta de número não deu resultado, sendo porém o procurador de opinião que os da irmandade de N. Senhora do Rosário deviam abolir aquela determinação como absolutamente prejudicial. Depois reüniram-se em sessão conjunta as duas irmandades, na qual foi muito debatido êste assunto, declarando-se a irmandade das Almas ser mais digna que a outra em que os irmãos eram casados, e que não tendo filhos renunciavam nas mulheres que nada faziam e que, por uma pequena esmola, recebiam sufrágios que eram grandes.

A pesar das autoridades locais civis e eclesiásticas intervirem no assunto nunca se chegou a um acôrdo ou resultado definitivo. Porém é natural que, com o decorrer dos tempos, tudo sanasse.

Dos *Santos Passos*, com 300 irmãos, que tinha um capital de 8.905$830 reis e deu 360$000 reis, e estava erecta na igreja ou capela da mesma invocação. Em 1790 o procurador e mais irmãos pediram à Câmara que lhes desse a pedra de um pedaço de muro e de uma tôrre, que estava em ruínas, para assim obterem material de construção para a sua igreja.

O procurador da comarca informou o tribunal competente que, na verdade, o muro e a tôrre ameaçavam grande desgraça para os transeúntes e que por igual motivo se fizera idêntica mercê ao Cabido, da pedra de outra tôrre e que por isso lhe parecia que os suplicantes eram merecedores de se lhes conceder a suplicada graça por não terem rendas para a conclusão das obras da sua igreja, que tanto ennobrecia a vila pela sua arquitectura. O desembargador, procurador da Corôa, sendo também consultado, respondeu que se devia encarregar o corregedor da inspecção ao desmancho do muro e da tôrre e que esta demolição se fizesse de modo que ficassem bem desembaraçadas as serventias, sem vestígios de ruínas que deturpassem o aspecto da vila, (livro 257, do Ministério do Reino, arquivado na Tôrre do Tombo). Esta irmandade dos *Santos Passos* teve origem em 1594, sendo constituída por estudantes pobres.

Irmandade do *SS. Sacramento*, erecta na igreja da Colegiada. De *S. Pedro*, na mesma igreja, organizada pelo Cabido e autorizada com licença do D. Prior, em 1732, para assim se acabar com as demandas que havia muitos anos mantinha com outra de igual designação que havia em S. Francisco.

De *Nossa Senhora da Graça*, que foi fundada na antiga ermida da mesma invocação, em que em 1680 se edificou o convento e igreja das Dominicas, para onde a dita irmandade passou. Em 1720 ainda ela vigorava, se bem que dispuzesse de poucos rendimentos.

De *S. Gualter* (falecido em 1258), fundada na igreja de S. Francisco, com 80 irmãos, cujo fundo e haveres eram muito pequenos, pois em 1862 era de 542$157 reis, sendo a esmola de entrada de cada irmão do sexo masculino, dos vinte aos quarenta anos, 480 reis, e até aos cinqüenta, 720 reis, e do sexo feminino, até aos quarenta, 720 reis, e daí para cima, até aos cinqüenta, 960 reis e depois para cima ao arbítrio da mêsa. Os irmãos eram convocados para as reüniões por um toque de campaínha tangido pelas ruas da vila, pelo servo ou *campeiro* da irmandade que recebia 1600 reis.

De *Nossa Senhora da Conceição*, com 200 irmãos, que tinha um capital de 6.140$700 reis, e deu 400 mil reis para a estrada. Era erecta também na igreja de S. Francisco e foi agregada à confraria da Caridade da igreja de S. Jerónimo em Roma, por carta do Cardial Borberino, passada em 10 de Maio de 1677, sendo os seus estatutos aprovados pelo arcebispo de Braga D. Luíz de Sousa. Em 1769 concedeu Clemente XIV graça de privilégio a todos os altares da igreja de S. Francisco para as missas celebradas em sufrágio dos irmãos desta irmandade.

Dos *Clérigos Pobres*, cujos irmãos pediram, em 1778, ao rei, por intermédio do Desembargo do Paço, a reconstituíção da sua irmandade, extinta em virtude da real resolução de 25 de Maio de 1768 e que lhes restituíssem tudo quanto se lhes tinha tirado. Foi determinação régia que podia ser reconstituída, desde o momento que em nada prejudicasse as atribuições da Colegiada, não lhe sendo porém lícito impetrar *Breve* algum nem executá-lo sem o real beneplácito e que surgindo alguma dúvida entre esta e a Colegiada fôsse presente à Mêsa do Desembargo do Paço, a-fim-de que esta resolvesse o que fôsse justo. Foi esta determinação assinada em Salvaterra a 25 de Janeiro do dito ano de 1778 (livro 250 do Desembargo do Paço, pertencente ao Ministério do Reino, arquivado na Tôrre do Tombo). Esta irmandade estivera estabelecida dentro do distrito eclesiástico da Colegiada.

(Continua).

P.e Alberto Gonçalves.